

**FORMAÇÃO DOCENTE E UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS NA
EDUCAÇÃO: AS PROPOSTAS DO “CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS
EDUCACIONAIS DE SÃO PAULO” (CRPE/SP) NAS DÉCADAS DE 1950 E
1960**

Rosilene Batista de Oliveira¹

Resumo: O presente trabalho objetiva investigar e analisar como o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (CRPE/SP), criado em 1955, propôs a formação de professores nas décadas de 1950 e 1960, para a utilização de objetos no ensino, denominados neste período de “recursos audiovisuais”. Busca-se a partir de um referencial pautado na História Cultural, conhecer os principais representações e direcionamentos propostos pelo CRPE/SP, por meio de fontes documentais produzidas por um de seus setores: o Serviço de Recursos Audiovisuais (SRAV), que tinha como uma de suas funções a formação de professores. A partir dos dados coletados, podemos retirar várias contribuições para propostas de formação docente atuais, quanto ao uso de objetos no ensino, dadas pelo SRAV, tais como: a necessidade da formação docente considerar as diferentes características dos objetos, as quais podem determinar as possibilidades de utilização dos mesmos; enfatizar a importância do tratamento dado aos objetos no ensino, que contemplem na formação docente não somente as suas vantagens e possibilidades mas também suas limitações e desvantagens para o ensino; o envolvimento do professor em processos não somente de utilização, mas também de produção de objetos para o ensino; a necessidade de considerar a relação entre a teoria e prática na formação dos professores para a utilização das tecnologias.

Palavras-chave: História da formação docente. Tecnologias. Cultura Material Escolar.

¹ Doutora em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da FCLAr/Unesp. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto/SP

Abstract: This study aims to investigate and analyze how the Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (CRPE / SP), created in 1955, proposed the formation of teachers in the 1950s and 1960s, to the use of objects in teaching, called this period of "audiovisual resoucers". This research from a guided framework on Cultural History, aims know the main representations and guidelines proposed by CRPE/SP, through documentary sources produced by one of its sectors: Serviço de Recursos Audiovisuais (SRAV), which had as a duties their teacher training. From the collected data, we can draw several contributions to current teacher training proposals for the use of objects in teaching, given by SRAV, such as the need for teacher training to consider the different characteristics of objects, which can determine the possibilities the use thereof; emphasize the importance of the treatment of objects in teaching, which contemplate in teacher training not only its advantages and possibilities but also its limitations and disadvantages to teaching; the involvement of the teacher in processes not only the use but also the production of objects for teaching; the need to consider the relationship between theory and practice in teacher training for the use of technology.

Keywords: History of teacher education. Technologies. Material School Culture.

Introdução

O presente trabalho constitui parte de uma pesquisa em desenvolvimento voltada para a investigação sobre a “história da formação de professores no Brasil para a utilização de objetos no ensino”. Considerando o contexto atual no qual tem se inserido as discussões sobre a utilização das novas tecnologias na educação, exigindo um novo olhar para as práticas escolares, novas posturas frente à aquisição e organização do conhecimento, propostas de políticas educacionais inovadoras, e novos perfis para os professores, é importante discutirmos a maneira como os professores têm sido formados para a utilização de objetos no ensino, e como esta maneira influencia os significados e práticas relacionadas a esta utilização nas salas de aula.

A necessidade de formação docente para a utilização de objetos no ensino perpassa a uma concepção mais ampliada sobre o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem, papel esse que não se restringe somente ao domínio e transmissão de conteúdos, centrados nos saberes pedagógicos e curriculares, mas que também se apóie em saberes quanto à utilização de objetos tecnológicos no ensino, conforme comenta Oliveira (2014, p. 13)

Uma das críticas a posições que desconsideram a importância de saberes pedagógicos na formação docente, incluídos saberes sobre a utilização das TIC como recursos mediadores entre os objetos de conhecimento e os sujeitos aprendizes, é a de que esses saberes também são fundamentais para o exercício do ofício de ensinar. No entanto, não se tem avançado muito no discurso de que a união dos domínios dos saberes pedagógicos e dos saberes ditos disciplinares não é suficiente na formação do professor.

Historicamente, o uso de objetos diversificados no ensino, alicerçado quase sempre por um discurso de reforma educacional, passou a ser sinônimo de renovação pedagógica, qualidade do ensino, progresso e mudança. A partir dessas concepções a respeito dos objetos, entendidos também aqui como tecnologias, cria-se uma expectativa quanto à prática docente, já que os professores ganharam o papel de efetivadores da utilização desses objetos, de forma a conseguir bons resultados na aprendizagem de seus alunos. Assim, observamos que as propostas de introdução e utilização de um objeto no ensino, ao longo da história da educação, geram a preocupação e a criação de necessidades relacionadas à formação de professores, e aos saberes direcionados a esta utilização na sala de aula.

Pensar os objetos no ensino, a introdução de velhas ou novas tecnologias, é também pensar, discutir e analisar a maneira como os professores têm sido formados, as normas e regras pelas quais estiveram e estão sujeitos, as práticas e maneiras direcionadas para que esta formação se efetue de forma significativa, dentro do contexto histórico, social, político e econômico no qual a mesma se insere. Consideramos que a introdução de uma tecnologia no ensino passa também pelo pensamento sobre a sua materialidade enquanto objeto, as potencialidades e limites que a mesma apresenta para a sua utilização e a maneira como são apresentadas aos professores.

A partir dessas considerações, o presente trabalho objetiva investigar e analisar como o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (CRPE/SP), criado em 1955, propôs a formação de professores para a utilização de objetos no ensino, denominados neste período de “recursos audiovisuais”. Trata-se, portanto, de uma pesquisa inicial, que busca conhecer os principais direcionamentos propostos pelo CRPE/SP, por meio de fontes documentais produzidas por um de seus setores: o Serviço de Recursos Audiovisuais (SRAV), bem como conhecer neste primeiro momento o conjunto da cultura material escolar que deveria ser apropriada pelos professores por meio das propostas de aperfeiçoamento para a utilização de objetos, as práticas propostas e os significados que as mesmas recebiam em um âmbito de busca de uma educação de qualidade, relacionada aos anseios de uma política desenvolvimentista que contextualiza o período histórico no qual o CRPE/SP foi criado.

A análise inicial que nos propomos neste trabalho, sobre as propostas do CRPE/SP para a utilização dos recursos audiovisuais pelos professores, contribui para conhecermos um pouco sobre a história da formação docente com relação as tecnologias contemporâneas de uma determinada época. A partir da análise das práticas propostas, bem como das representações criadas a partir dessas práticas, tomamos contato com um período de formação docente que se mostrou bastante preocupada com a utilização das tecnologias produzidas na época, de maneira a atender aos anseios da educação brasileira, em um contexto de busca de desenvolvimento econômico do país, nas décadas de 1950 e 1960. As representações e práticas que sustentam as propostas do SRAV podem contribuir para refletirmos sobre ações e iniciativas para a formação de professores para a utilização das tecnologias na educação.

As fontes documentais produzidas pelo SRAV podem nos dar vestígios sobre a maneira como os professores eram formados para a utilização das tecnologias do momento, o que eles tinham que saber sobre os objetos e sobre a relação entre esses e o ato de ensinar e aprender; sobre a maneira como os objetos eram evidenciados e constituíam a cultura material escolar que deveria ser conhecida e utilizada pelos professores e alunos; sobre os objetos sugeridos e legitimados como importantes para o uso no ensino brasileiro; sobre as representações e significados criados em torno das tecnologias da época e sobre o papel do professor na efetivação das mesmas na sala de aula.

Os objetos no ensino: vetores de significados e sentidos

As discussões e análises levantadas pelo presente trabalho apóiam-se nas concepções e estudos sobre a História Cultural, compreendendo que o seu saber-fazer liga-se às preocupações que se encontram no âmbito das representações, das formas simbólicas construídas por uma sociedade, as quais expressam como esta sociedade vê o mundo e a realidade, numa dada época. Parte-se do pressuposto de que toda realidade não é um dado, mas sim uma construção social conjetural, fruto de estratégias e práticas que legitimam e justificam as escolhas e condutas dos indivíduos (CHARTIER, 1988). Assim, os objetos de estudos sobre os quais recai o olhar da História Cultural, bem como os métodos de análise desses objetos, mostram uma preocupação com o símbolo e as representações (BURKE, 2005).

Para Chatier (1988), a História Cultural liga-se à subjetividade das representações, identificando o modo como uma realidade é construída, pensada, dada a ler. Pesavento (2005) também enfatiza o campo de trabalho da História Cultural, no qual resgatam-se os sentidos conferidos ao mundo, sentidos esses manifestados pelas palavras, discursos, imagens, coisas e práticas.

Partindo das considerações desses estudiosos, colocamos as nossas discussões a respeito da utilização de objetos, de tecnologias no ensino, e de como historicamente os professores têm sido formados para esta utilização, no âmbito das preocupações levantadas pelos historiadores culturais. Assim, vemos os objetos como vetores de comunicação e portadores de mensagens em sua exterioridade, além de sua materialidade, conforme Moles (1972) reitera em seus estudos sobre a semiologia dos objetos, ao mencionar que o objeto é fruto da concretização de um grande número de

ações do homem, tanto as ações referentes a sua construção, quanto àquelas propiciadas pela sua utilização.

Desta maneira, essas indagações recaem sobre quais as maneiras pelas quais os professores, historicamente, têm sido formados para a utilização de um objeto no ensino. Quais representações, práticas e relações simbólicas sustentam e justificam a formação dada aos professores, bem como os objetos que formam a cultura material escolar de uma determinada época histórica? De que maneira o tipo de formação dada aos professores, em um passado histórico, pode contribuir para pensarmos, problematizarmos e discutirmos sobre a formação docente e os saberes necessários para a utilização de tecnologias atuais?

Ao longo da história da educação, os objetos têm sido reconhecidos como artefatos importantes para as práticas relacionadas ao ato de ensinar e aprender. Na história da humanidade, vemos os objetos como extensões da ação humana e como instrumentos que permitem a relação direta do homem com a natureza, transformando-a e recriando-a de maneira a atender as suas necessidades de sobrevivência. Na transformação das coisas da natureza em objetos e ferramentas, o homem primitivo passa do estágio da técnica, voltado para o “saber-fazer”, para o estágio da tecnologia, o “saber-fazer” com conhecimento, no qual repousa uma relação profícua entre técnica e ciência (VARGAS, 2003).

A partir disto, entendemos todos os objetos como produtos tecnológicos produzidos pelo homem, na busca de solucionar os problemas impostos pela natureza e ultrapassar os limites impostos pelo seu próprio corpo, sendo então vistos como extensões humanas. É válido salientarmos a concepção que temos sobre tecnologia, apoiando-nos nos estudos de Kenski (2007, p. 24), ao mencionar que

ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade, chamamos de tecnologia. Para construir qualquer equipamento – uma caneta esferográfica ou um computador-, os homens precisam pesquisar, planejar e criar o produto, o serviço, o processo. Ao conjunto de tudo isto, chamamos de tecnologias.

As ideias de Kenski (2007) nos remetem também a entendermos a tecnologia não somente como produtos e máquinas, mas também como um processo no qual estão envolvidos construção e produção de saberes e conhecimentos tanto pelos alunos,

quanto pelos professores. Ao pensarmos a utilização de objetos no ensino, e o papel do professor como efetivador desta utilização em sala de aula, importa-nos também refletirmos sobre os saberes que envolvem a utilização desses objetos na prática docente e a maneira como os professores são formados para este contexto.

Nas décadas de 1950 e 1960, no âmbito do movimento de tecnologia educacional, observamos um conjunto de objetos tomados como importantes para a concretização de uma educação voltada para o desenvolvimento econômico desejado pelo país naquele momento. Podemos citar o retroprojetor, o mapa mural, a televisão, o rádio, o diafilme, os diapositivos, os cartazes, os fantoches, entre outros objetos, que constituíram também o que podemos chamar de cultura material escolar da época, entendendo-a como um conjunto de artefatos utilizados e significados "historicamente ao processo de escolarização e à consequente disseminação da forma escolar" (ALVES, 2010).

O termo "recurso audiovisual" é um termo muito recorrente, usado para designar esses objetos que constituem a cultura material escolar da época. Este termo é resultante da fusão de dois vocábulos de origem latina, *audire* (ouvir) e *videre*(ver), e surge pela primeira vez nos Estados Unidos, no momento de transição do cinema mudo para o cinema falado. É utilizado tanto no sentido, conjuntivo, para designar objetos que expressam a interação de imagens e sons, como também no sentido disjuntivo, referindo-se a objetos que incorporam somente a expressão visual. Nos documentos produzidos pelo SRAV encontramos, recorrentemente, a expressão "recursos audiovisuais", tanto para designar materiais impressos, como cartazes, quadro-murais, como também a televisão e o rádio (FISCARELLI, 2009).

No presente trabalho, investigaremos as principais propostas e direcionamentos dados à formação docente para a utilização de recursos audiovisuais, por meio da análise de documentos produzidos e utilizados pelo SRAV, que compunham um dos setores do CRPE/SP. Consideramos a importância do CRPE/SP como produtor e disseminador de ideias e concepções a respeito da educação brasileira, nas décadas de 1950 e 1960, a partir também dos cursos de formação docente, com o intuito de preparar os profissionais da educação para o desenvolvimento e modernização do país, e da grande importância dada à utilização dos chamados recursos audiovisuais neste contexto. As práticas, propostas, concepções e representações criadas pelo CRPE/SP a

respeito da formação docente e o uso dos objetos no ensino, podem contribuir para conhecermos a história da formação docente para a utilização de tecnologias no ensino brasileiro, trazendo reflexões sobre a introdução de tecnologias na sala de aula, a necessidade de uma formação docente direcionada a ela, a maneira como esta formação foi proposta e a importância que os objetos recebem na prática docente, neste período histórico.

O Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo e os recursos audiovisuais

O Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo foi criado em 1956, tendo como objetivo central a reconstrução educacional brasileira a partir de conhecimentos provenientes das ciências sociais. O contexto histórico da época de sua criação, segundo Ferreira (2001), aborda o desenvolvimento do governo de Juscelino Kubitschek, a ideologia desenvolvimentista e o posicionamento do Centro em relação às discussões que aconteciam neste momento. Observa-se assim a necessidade de procurar métodos e conhecimentos científicos que credibilizassem a educação brasileira, tornando-a uma ciência.

O CRPE/SP surge a partir de um convênio celebrado entre o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e a Universidade do Estado de São Paulo (USP), fazendo parte também de um processo que envolveu a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e outros 4 centros regionais. Dentre os setores iniciais do CRPE/SP, tais como a Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais (DEPS), a Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais (DEPES), a Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério (DAM), destacamos o Serviço de Recursos Audiovisuais.

Tomando os estudos de Ferreira (2001), os cursos realizados pelo CRPE/SP tinham como objetivo incentivar os seus participantes a realizarem uma reflexão sobre os problemas enfrentados pela educação brasileira. A utilização de recursos audiovisuais era vista como um caminho para se solucionar tais problemas, e os professores deveriam estar preparados para isto. Além de cursos, o CRPE/SP organizou seminários para professores primários.

O SRAV (Serviço de Recursos Audiovisuais) era um dos setores do Centro Regional de Pesquisa Educacional do Estado de São Paulo (CRPE/SP). Inicialmente a sua criação, o SRAV vinculava-se ao DAM (Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério). O DAM tinha como principal objetivo promover cursos baseados nos estudos e pesquisas realizados nos Centros Regionais, bem como realizar projetos destinados à formação e aperfeiçoamento de administradores escolares, especialistas em educação e professores da escola normal e de outros níveis de ensino. Assim, o DAM funcionava como um laboratório para estudos e pesquisas sobre a escola, experimentando métodos e procedimentos de ensino.

Em 1961, o SRAV desliga-se do DAM e ganha maior autonomia. No entanto, como um setor do CRPE, subordinava-se também ao INEP e mantinha-se através de verbas federais. Era assistido e subvencionado pela Missão Norte-Americana de Cooperação Econômica e Técnica no Brasil (Ponto IV), pelo acordo entre os governos brasileiros e norte-americano. As atividades de formação do SRAV eram realizadas pela seção de Utilização e Treinamento, que tinha como principal objetivo o planejamento e a execução de diafilmes educativos, a produção de filmes em 16mm e também a tradução de filmes. Também havia uma filmoteca e um laboratório fotográfico.

Os objetivos do SRAV mostram a estreita relação que o mesmo estabelece com as tecnologias e com a cultura material escolar da época, bem como a preocupação com a formação de professores para o uso de produção dessas tecnologias, pois seus objetivos eram organizar cursos para treinar professores para a utilização de diferentes métodos e meios de comunicação, além da produção de material didático para programas de ensino.

Em pouco mais de um ano, o SRAV realizou assim cursos de orientação docente, direcionados a professores, diretores de escolas primárias, secundárias e industriais, além de profissionais de outras áreas, tais como alunos de faculdades de serviço social, enfermeiras, educadores sanitaristas e higienistas, perfazendo um total de aproximadamente 800 pessoas, segundo o editorial do periódico Audiovisual em Revista, publicado em 1962, e encontrado entre os documentos que pertenciam ao SRAV.

Os documentos selecionados para a análise são artigos e folhetos orientativos, utilizados ou produzidos dentro do SRAV, que não trazem diretamente uma discussão

sobre a formação docente, mas que podem nos trazer vestígios sobre as representações construídas em torno da formação docente, a partir das práticas propostas tanto para a utilização como para a produção de objetos no ensino.

O Serviço de Recursos Audiovisuais e a formação docente

Os documentos produzidos pelo Serviço de Recursos Audiovisuais (SRAV) nos mostram como os objetos devem ser tratados a partir de uma proposta de formação docente para a sua utilização. Considerados como instrumentos importantes para a modernização das práticas escolares, recebendo significados que legitimam essas práticas, há uma preocupação de mostrar como esses objetos devem ser tratados e concebidos dentro de um contexto de formação dos professores. Os trechos seguintes, retirados do artigo “Conceitos psicológicos e instrução audiovisual”, encontrado em meio aos documentos do SRAV, e escrito por C. R. Carpenter e traduzido por Nélio Parra, evidenciam isto

A justificativa para o uso dos materiais audiovisuais deve estar fundamentada em suas características distintivas e talvez singulares e nas suas possíveis contribuições à aprendizagem (CARPENTER, 1969).

Estas e outras características deveriam ser delineadas e provadas. O mesmo deveria ser feito com as pressupostas vantagens e limitações. [...] As limitações que caracterizam os materiais audiovisuais, quando acuradamente definidas, devem ser compensadas pelo planejamento e pela aplicação de procedimentos de ensino compensatórios e suplementares. (CARPENTER, 1969).

Nesses trechos, há orientações sobre como os objetos devem ser usados, e a partir de quais concepções; ou seja, deve-se levar em consideração as diferentes características dos objetos que podem determinar as possibilidades de utilização dos mesmos. Considerando os estudos sobre História Cultural, e os conceitos de representação e prática propostos por Chartier (1988), podemos dizer que as representações que rodeiam os objetos neste contexto de formação docente, direcionam seu tratamento não somente pelas vantagens e possibilidades de seu uso no ensino, mas também a partir de suas limitações e desvantagens, exigindo um planejamento e também organização de procedimentos que venham compensar estas limitações e desvantagens, ou seja, delineando também práticas de utilização dos mesmos.

Evidencia-se a necessidade de formação docente para a eficiente utilização de objetos que formam a cultura material escolar desta época, e que são chamados de materiais audiovisuais. Há preocupação de preparar os professores para as técnicas e

processos que venham a assegurar uma educação que se volta para o desenvolvimento do país.

As técnicas e processos que melhor asseguram tais requisitos são as que hoje em dia se denominam de recursos e métodos audiovisuais. Compreendem elas todos os processos e materiais de comunicação, como folhetos, cartazes, flanelógrafos, filmes, diafilmes, diapositivos, rádio, televisão, imprensa, e uma infinidade de outros, utilizados por pessoal especialmente treinado, segundo metodologia própria. (AUDIOVISUAL EM REVISTA, 1960, p.4).

Todos os técnicos e educadores, empenhados neste processo educativo de desenvolvimento, necessitam nas suas respectivas áreas de trabalho de materiais audiovisuais, bem como de conhecimentos quanto à forma de utilizá-los eficientemente. (AUDIOVISUAL EM REVISTA, 1960, p.4).

Observamos que as propostas de formação docente reiteradas em alguns trechos dos documentos analisados apóiam-se na concepção de um professor ativo quanto à utilização dos recursos audiovisuais, que participa não somente da utilização dos objetos como também da sua produção e criação, como é destacado no seguinte trecho. Ao apoiar-se numa concepção mais ativa quanto à prática docente, a visão de formação docente, ou seja formar um professor para a utilização de um recurso audiovisual representa formar um professor ativo, que produz objetos e também os utiliza.

A produção de material didático integra o programa de treinamento, objetivando não só instruir sobre a utilização eficiente de recursos audiovisuais, mas também sobre a futura confecção pelo próprio professor, com a colaboração dos seus alunos, de materiais destinados a facilitar e dinamizar a aprendizagem. (AUDIOVISUAL EM REVISTA, 1962, p.03).

Encontramos também em alguns trechos dos documentos analisados, direcionamentos que evidenciam a necessidade de destacar a relação entre a teoria e a prática na utilização de recursos audiovisuais. Podemos verificar a preocupação de preparar o professor tanto quanto a partir de conhecimentos teóricos sobre as tecnologias e teorias que sustentam a sua utilização neste momento, quanto por meio de conhecimentos práticos que possibilitam que os professores produzam e utilizem os objetos no ensino. Sendo assim, concebe-se que a teoria deve contribuir para uma melhor utilização desses objetos, e podemos dizer que esta é a visão do SRAV quanto à formação docente para esta utilização.

Aqueles que são profissionalmente responsáveis pelo uso da larga variedade de materiais e métodos audiovisuais, têm razão para esperar encontrar em sistemas conceituais dos processos de aprendizagem, preceitos, axiomas e princípios úteis, aplicáveis a seu trabalho. O objetivo deste artigo é sumariar alguns conceitos selecionados, mas fundamentais, sobre aprendizagem, que poderão ser úteis na melhoria do ensino através dos materiais audiovisuais. (CARPENTER, 1969).

Também a partir da leitura e análise dos documentos selecionados, podemos nos acercar do conjunto de objetos que estavam evidentes neste período, com potencialidade e possibilidade de utilização no ensino, constituindo o que podemos chamar de cultura material escolar, compreendendo-a como o conjunto de artefatos, de objetos que adentram as escolas neste período a partir da proposta de sua utilização. Assim, os mapas, o flanelógrafo, os álbuns seriados, as apostilas, os cartazes, os painéis didáticos, os modelos, os filmes e diapositivos, o mural didático, o retroprojeter, o quadro-negro e giz, são objetos vistos como importantes para a prática docente e por esta razão devem ser apropriados pelos professores, tanto no seu manuseio como também na sua produção.

Considerações Finais

As propostas do CRPE/SP, destacadamente do SRAV, para a utilização de recursos audiovisuais no ensino, mostram principalmente a preocupação com a formação dos professores, que são vistos como efetivadores desta utilização e participantes do processo de desenvolvimento econômico almejado pelo país, nas décadas de 1950 e 1960. Observamos que há uma ênfase na participação ativa do professor, tanto no processo de produção de objetos como também na utilização dos mesmos no ensino.

Os professores são levados a refletir sobre a utilização desses objetos, relacionando teoria e prática, e também a procurar alternativas e possibilidades de produção dos mesmos. O “como fazer” inicia-se na produção dos objetos e concretiza-se na sala de aula, no momento de transmissão do conhecimento. A história da formação docente para a utilização de tecnologias, conhecida a partir das propostas do CRPE/SP, mostra a importância de preparar o professor não somente para o momento de utilização da tecnologia, mas também na sua produção e preparação, mantendo assim

contato com a sua materialidade e potencialidades para o processo de ensino e aprendizagem.

Esta maneira de conceber a formação docente para a utilização dos objetos utilizados neste período histórico, e que fazem parte de uma cultura material escolar, como o flanelógrafo, o álbum seriado, o quadro-negro, o retroprojetor, os filmes, entre outros, pode contribuir para atuais propostas de formação de professores para a utilização das tecnologias. Uma importante proposta do SRAV merece ser destacada quanto à formação docente: a ênfase dada à produção de objetos, que coloca o professor como sujeito ativo do processo de ensino e aprendizagem, na medida que considera a necessidade do mesmo de se apropriar da materialidade do objeto, vendo as vantagens da sua utilização e discutindo também suas desvantagens. Os resultados apresentados pela análise proposta contribuem para o desenvolvimento de pesquisas que tenham como objetivo conhecer e compreender propostas de formação docente para o uso de tecnologias, bem como as práticas e representações que direcionam a utilização de objetos, tomados como instrumentos importantes para uma educação significativa, e a maneira como os professores devem ser formados para esta utilização.

Referências

ALVES, Cláudia. Educação, Memória e Identidade: dimensões imateriais da cultura material escolar. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL: Pelotas, v. 14, n. 30, p. 101-125, Jan/Abr 2010.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, p.7-37, 1992.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

FERREIRA, Márcia dos Santos. **O Centro Reginal de Pesquisas Educacionais de São Paulo (1956/1961)**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2001.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. **A construção do saber sobre a utilização de objetos no ensino brasileiro**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009.

GINZBURG, Carlo. Raízes de um paradigma indiciário. In:GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais.** Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.143-179.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias:** o novo ritmo da informação. Campinas, SP:Papirus, 2007.

MOLES, Abraham A. Objeto e comunicação. In: MOLES, Abraham; BAUDRILLARD, Jean; BOUDON, Pierre, VAN LIER, Henri; WAHL, Eberhard. **Semiologia dos objetos.** Petrópolis: Editora Vozes, 1972, p.9-41.

OLIVEIRA, Maria Rita N.S. Um grande desafio na integração das tecnologias da informação e comunicação na formação docente. In: TAVARES, R.H; GOMES, S.S. **Sociedade, educação e redes:** desafios à formação crítica. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2014, p.13-20.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Documentos analisados

Periódicos Audiovisual em Revista, anos de 1960 e 1962.

Artigo mimeografado: Conceitos Psicológicos e Instrução Audiovisual. (C.R.Carpenter, 1969)